

Apresentação da Obra

Márcia Ambrósio

*Doutora em Educação pela UFMG
Professora Associada no DEETE (UFOP)*

Viviane Raposo Pimenta

*Doutora em Letras pela PUC-MINAS
Professora Adjunta do DELET(UFOP)*

Iniciamos este livro com uma pausa poética, um poema escrito por uma de nossas cursistas dedicado à sua cidade amada, Rio Doce. Dessa maneira, assim será ao longo desta obra. Entre um capítulo e outro, uma seção e outra, o leitor será surpreendido com algumas pausas poéticas.

Acreditamos que a poesia tem uma importância fundamental para a formação crítico-reflexiva do leitor. Isso porque ela pode possibilitar ao homem um encontro com a cultura humanística como espaço de revelação e reconhecimento do prazer, da fantasia e da realidade circundante. Além disso, pode propiciar-lhe ampla crítica dos valores vigentes na sociedade.

Tal escolha deve-se ao fato de que acreditamos que todo e qualquer fazer docente deve ter como base a sua própria prática. O educador, como nos ensina Freire (1998), é aquele que também é transformado no processo da ação educativa e aprende ao tempo em que ensina.

Ademais, foi assim, aprendendo e sendo transformados(as) no processo educativo do Curso de Pós-Graduação em Práticas Pedagógicas, tocadas e inspiradas pelas palavras da querida cursista Célia Leandro que nos propusemos a refletir sobre os saberes construídos

com e como professoras(es). Também, possuindo o reconhecimento dos contextos e histórias de vida neste diálogo como desdobramentos de ações emancipadoras.

Com isso, a proposta de materialização discursiva das histórias de vida dos professores cursistas do Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas do CEAD-UFOF, por meio dos memoriais reflexivos, está intimamente ligada ao trabalho reflexivo da Profa. Dra. Márcia Ambrósio sobre “O Uso do Portfólio no Ensino Superior”. Tal fato intitula um de seus livros e, também, o Webfólio como instrumento de registro de vivências acadêmicas criativas que podem nortear ações dialógicas e a apropriação de múltiplas linguagens ao tempo em que produzem oportunidades formativas cíclicas do aprender, ensinar e avaliar.

Dessa maneira, o sujeito aluno-professor, como ensina Bakhtin (2003) e tantos outros teóricos e filósofos da educação e da linguagem, não pode ser considerado uma “tábula rasa”. Eles são sujeitos que trazem consigo suas experiências e tudo o que constitui a sua subjetividade para o interior de suas práticas e vivências docentes. Assim, compreendemos que o registro docente de suas memórias é um instrumento didático-investigativo interdisciplinar importante para a (des)construção do sujeito professor em constante processo de letramento docente.

Nesse sentido, propusemos como atividade inicial de inscrição para este curso de especialização o seguinte: apresentação de uma pequena narrativa de suas histórias de vida, por parte das professoras e dos professores, com o intuito de lançar luz ao pensamento para além do conhecimento fragmentado. Em vista disso, compreendemos que a fragmentação do conhecimento, que desconsidera o todo, invisibiliza as interações entre o todo e suas partes e entre as partes e o todo.

Além disso, pode ocultar questões essenciais relativas ao particular, ao concreto e ao singular dos indivíduos. Ademais, são muito necessárias à construção dialógica do conhecimento e, tudo isso pode ser combatido por meio de ações que resgatam as histórias dos sujeitos do conhecimento. Por essa razão, a partir disso, podemos,

conforme Morin (2008), promover o ressurgimento das grandes finalidades dos processos educativos e remediar “a funesta desunião entre o pensamento científico – que desassocia os conhecimentos e não reflete sobre a condição humana” (MORIN, 2008, p. 65).

Por conseguinte, ao deparar-se com a liberdade de expor suas vivências por meio da informalidade das narrativas, o docente-cursista experencia o ato de escre(viver) sua própria história. Isso porque como nos ensina Tardif (2000, p. 216), boa parte do que sabemos sobre o ensino e a aprendizagem provém de nossas histórias de vida, pois é a partir delas que nossas identidades docentes são (in)formadas. Não raras as vezes que buscamos fundamentar nossas ações e comportamentos em fatos e pessoas que possuem certa representatividade em nossas vidas.

Além de tudo, se regressamos no tempo, toda forma de conhecimento e saber humano era antes, naturalmente, transmitida entre as diferentes gerações por meio das histórias contadas, ou seja, por meio das narrativas de vida, das vivências e experiências compartilhadas pelos sujeitos. No entanto, na modernidade, como afirma Benjamin (1987), essa forma de socialização dos conhecimentos construídos ao longo da história foi, ao longo do tempo, perdendo a aceitação. Desse modo, na atualidade, o homem sofre o peso do saber da tradição, recusando-se a reconhecer e dar continuidade a essa experiência.

Ainda com o surgimento da tecnologia da escrita, os textos orais, inicialmente utilizados nas interações das esferas escolar e acadêmica (era assim que Sócrates praticava a atividade que hoje conhecemos como ensino/aprendizagem), foram gradativamente cedendo lugar para o grafocentrismo. A verdade começa a ser compreendida como algo da ordem do texto escrito. Porém, um olhar mais atento pode nos revelar a relevância das narrativas. Como relatamos um experimento científico? Como apresentamos os procedimentos metodológicos de uma pesquisa? Como nos reportamos aos construtos teórico-epistemológicos que utilizamos como pressupostos teóricos?

Como afirma Pimenta (2018), com a escrita já popularizada, as trocas entre pares na esfera acadêmica eram inicialmente realizadas por meio de cartas. Essas cartas, durante muito tempo, mantiveram a estrutura composicional e o estilo próprios da carta pessoal, com saudações e referências pessoais e subjetivas dos pesquisadores. Assim, a correspondência pessoal foi, inicialmente, o meio utilizado pelos cientistas para produzirem conhecimento.

Não é difícil compreender que a figura do narrador da experiência vivida revela-se intimamente ligada a um estilo de transmissão. O narrador, na maioria das vezes, narra o que antes lhe foi “passado” por outro narrador, que, por sua vez, ouviu de outro. Compreendemos o sujeito sempre na sua constituição discursiva polifônica.

Assim, as vivências trazidas pelos sujeitos autores dos memoriais que compõem e “dão vida” a este livro, são por nós compreendidas como concebeu o filósofo russo Vigotsky (1999) o termo “Perejivâni” como “experiência”, “vivência”, “emoção”, “sentimento”, “estado de espírito” “alma”, “expressão da existência”, “forte e poderoso sentimento”, “impressão”. Para nós, as memórias aqui narradas são “Escre(Vidas)” constituídas e marcadas nas “rochas do conhecimento”.

Também, é importante mencionar o seguinte: possuindo como instrumento carvão, sangue e fragmentos de rochas, foi nas pedras/rochas que na Pré-história, no Período Paleolítico, os homens daquela época registraram suas primeiras produções por meio da arte rupestre. Em suas inscrições feitas nas rochas/pedras das paredes das cavernas, eles relataram e registraram em pinturas rupestres o seu cotidiano, suas descobertas, suas crenças e rituais. Esses registros nos possibilitaram conhecer um pouco sobre a cultura, as lutas diárias e as descobertas daquele tempo.

Logo, fazendo um paralelo com os dias atuais, acreditamos que os memoriais reflexivos, aqueles mais simples e menos programáticos, podem nos dar conta e registrar o que “se passa” com os sujeitos

do nosso tempo. Essas informações “singulares”, na sua forma mais singela e pura, podem instruir e informar as gerações futuras sobre as vidas, e vidas, dos sujeitos do conhecimento. Portanto, trazemos para este texto sobre as “Escre(Vidas)” docentes as palavras de Descartes ao iniciar o discurso filosófico da modernidade: “não proponho este escrito senão como uma história, ou, se preferirdes, como uma fábula” (DESCARTES, 1985, P. 321).

Sendo assim, neste livro há relatos que se apresentam em meio à pluralidade de narrativas contemporâneas. Porém, não pretendemos estabelecer critérios de exercício de autocompreensão ou de “verdades absolutas”, porque reconhecemos a existência de múltiplos discursos e produções de efeitos de sentidos.

Acreditamos que a multiplicidade de efeitos de sentidos, presente nos memoriais reflexivos das professoras e professores cursistas, coloca em discussão as segmentações classificatórias do campo das disciplinas, visto que trazem para o campo de visão, ou para zonas de iluminação, o conhecimento construído nas práticas sociais rotineiras por meio da língua(gem) e sua intrínseca relação com o fazer docente.

As gravações do Webinário de Pesquisa em Educação estão disponíveis em uma *playlist*, no canal do *You Tube da Professora Márcia Ambrósio* e no *podcast Pedagogia diferenciada*, e sumarizadas na obra de *Tendências da Pesquisa em Educação* no último capítulo do referido livro (AMBRÓSIO, 2013). Nas últimas páginas desta obra o(a) leitor(a) poderá fazer a leitura dos QR codes para acessar as Webconferências de diferentes temáticas.

Inauguramos, deste modo, quanto à forma e conteúdo, materiais em diversos formatos – intermodais e hipertextuais –, alinhados à cibercultura. Destarte, nossas oferendas educativas e afetivas foram registradas coletivamente, formando uma Comunidade Virtual de Aprendizagem, que compôs diferentes possibilidades de pesquisas em educação, com novas didáticas, ao estimularem movimentos de luta e de esperançar.

REFERÊNCIAS

AMBRÓSIO, Márcia (Org.). **Tendência de Pesquisa em Educação**: São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. *In*: **Mágia e Técnica, Arte e Política**. Traduzido por Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DESCARTES, Renée. **Discurso do método**. Brasília: UnB, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

PIMENTA, Viviane Raposo. **Letramento acadêmico e uso das tecnologias digitais**: a construção discursiva de sujeitos autônomos e autonomizados nos/pelos processos dialógicos de produção acadêmico-científica. Tese (Doutorado em Letras: Linguística e Língua Portuguesa – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Rev. Bras. Educ.** [on-line]. 2000, n.13, pp.05-24.